



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/05/2018 a 10/05/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 04/05/2018 | 10,27 | 394,40 | 30,56 | 5,27 | 4,19 |
| 07/05/2018 | 10,02 | 384,80 | 30,67 | 5,14 | 4,11 |
| 08/05/2018 | 10,11 | 388,70 | 30,49 | 5,17 | 4,02 |
| 09/05/2018 | 10,07 | 389,20 | 30,87 | 5,14 | 3,94 |
| 10/05/2018 | 10,13 | 390,50 | 30,98 | 5,07 | 3,94 |
| Média | 10,12 | 389,52 | 30,71 | 5,16 | 4,04 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

| SOJA | Média* | Var. % relação média anterior |
|----------------------|---------------|--------------------------------------|
| RS - Passo Fundo | 81,60 | -1,39 |
| RS - Santa Rosa | 81,20 | -0,52 |
| RS - Ijuí | 81,20 | -0,52 |
| PR - Cascavel | 80,50 | -1,08 |
| MT - Rondonópolis | 76,70 | -0,07 |
| MS - Ponta Porá | 76,50 | 0,16 |
| GO - Rio Verde (CIF) | 75,95 | -2,32 |
| BA - Barreiras (CIF) | 72,50 | -1,09 |
| MILHO | | |
| Argentina (FOB)** | 193,00 | 2,12 |
| Paraguai (FOB)** | 185,00 | 3,86 |
| Paraguai (CIF)** | 212,50 | 1,43 |
| RS - Erechim | 41,70 | 0,48 |
| SC - Chapecó | 41,70 | 2,96 |
| PR - Cascavel | 38,95 | 2,67 |
| PR - Maringá | 39,40 | 1,51 |
| MT - Rondonópolis | 29,50 | 0,00 |
| MS - Dourados | 36,00 | 6,27 |
| SP - Mogiana | 40,45 | 7,05 |
| SP - Campinas (CIF) | 43,10 | 6,91 |
| GO - Goiânia | 33,65 | 1,20 |
| MG - Uberlândia | 36,45 | 3,96 |
| TRIGO (***) | | |
| RS - Carazinho | 818,00 | 4,04 |
| RS - Santa Rosa | 818,00 | 4,04 |
| PR - Maringá | 918,00 | 9,04 |
| PR - Cascavel | 913,00 | 8,85 |

Período entre 04/05/2018 a 10/05/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 10/05/2018

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 34,76 | 76,36 | 38,18 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 10/05/2018

| Produto | |
|---|--------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 35,65 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 128,50 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 22,67 |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 3,11 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 1,03 |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 4,86 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago trabalharam com forte viés de baixa durante a semana, tendo atingido a US\$ 10,02/bushel no dia 07/05. Posteriormente, melhoraram um pouco fechando a quinta-feira (10) em US\$ 10,13/bushel, contra US\$ 10,43 uma semana antes. A cotação do dia 07/05 não era vista desde o dia 12 de fevereiro passado, ou seja, Chicago perdeu praticamente todo o ganho conquistado a partir do momento em que se iniciaram as informações a respeito da quebra da safra de soja da Argentina. Dito de outra maneira, Chicago parece retornar às posições de meados de fevereiro passado.

Diversos são os motivos que levam a esta situação. **Em primeiro lugar**, o conflito comercial entre EUA e China. As reuniões entre os dois países, na semana passada, não resultaram em acordo e a tensão sobre o mercado continua. Desde o dia 10/04 a China não compra mais soja dos EUA, além de ameaçar colocar uma tarifa de 25% sobre o valor da oleaginosa estadunidense em suas importações. **Em segundo lugar**, o clima nos EUA está desfavorável ao milho e favorável à soja. Assim, neste dia 10/05 fechou a janela de plantio que deveria indicar uma área semeada com milho em 50% (até o dia 06/05 tal área atingia a 39%, contra 44% na média histórica). Esta situação de atraso no plantio do milho tende a elevar a área semeada com soja. Neste sentido, até o mesmo dia 06/05 tal área havia sido semeada em 15%, contra 13% na média histórica para esta época. **Em terceiro lugar**, os Fundos, diante do quadro geral existente, se desfizeram de posições compradas, gerando pressão de venda em Chicago. Mesmo assim, durante a semana eram contabilizadas 177.000 posições líquidas no lado da compra de soja de posse dos Fundos. O mercado espera vendas entre 10% a 20% destes contratos nesta semana e na próxima. **Enfim**, o mercado se preparou para o relatório de oferta e demanda anunciado pelo USDA neste dia 10/05. O mercado esperava o anúncio de uma projeção de safra nos EUA, para 2018/19, em 117,3 milhões de toneladas, contra 119,5 milhões no ano anterior. Para os estoques finais estadunidenses eram esperadas 14,9 milhões de toneladas, ficando no mesmo nível do ano anterior. Em termos de produção mundial, a expectativa era de estoques finais em 91,1 milhões de toneladas, contra 90 milhões neste atual ano comercial (volume revisado para baixo). Para a safra brasileira que está se encerrando o volume esperado era de 116,6 milhões de toneladas e para a da Argentina 38,6 milhões de toneladas.

Na prática, o relatório trouxe números menores do que o esperado, porém, sem causar muitas alterações no mercado:

- 1) A área estimada de plantio nos EUA é de 36 milhões de hectares;
- 2) A produção final nos EUA, projetada, é de 116,5 milhões de toneladas;
- 3) Os estoques finais nos EUA, projetados, são de 11,3 milhões de toneladas;
- 4) O preço médio de referência aos produtores estadunidenses oscilará entre US\$ 8,75 e US\$ 11,25/bushel em 2018/19;
- 5) A produção mundial de soja ficaria em 354,5 milhões de toneladas, com o Brasil produzindo 117 milhões e a Argentina 56 milhões de toneladas para 2018/19 (para o atual ano comercial a produção brasileira ficou em 117 milhões e a da Argentina em 39 milhões de toneladas);
- 6) Os estoques finais mundiais de soja ficariam em 86,7 milhões de toneladas;

7) As importações chinesas de soja ficariam em 103 milhões de toneladas em 2018/19.

Paralelamente, as vendas externas estadunidenses foram fracas, pois nenhum exportador deseja se comprometer com a China diante do atual quadro de litígio comercial entre os dois países.

Já na Argentina, as exportações de soja ficarão em apenas 7 milhões de toneladas neste ano, ou seja, 30% abaixo do registrado no ano anterior. Por sua vez, o esmagamento de soja no vizinho país ficaria em 40 milhões de toneladas, com recuo de 2% sobre o ano anterior (cf. Safras & Mercado). Diante da forte quebra ocorrida em sua safra deste ano, os argentinos, além de importarem soja, cortarão fortemente a exportação do grão para atender a demanda do esmagamento. Isto poderá acalmar os preços do farelo de soja em Chicago nas próximas semanas.

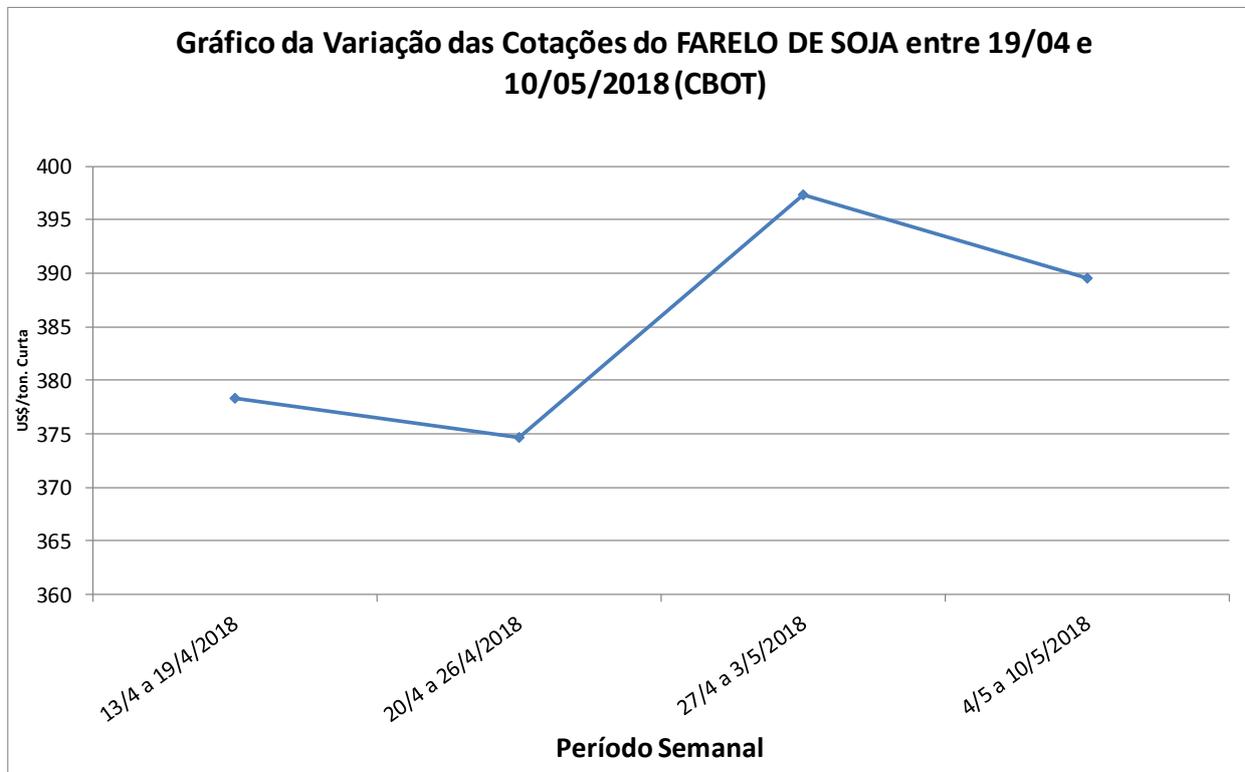
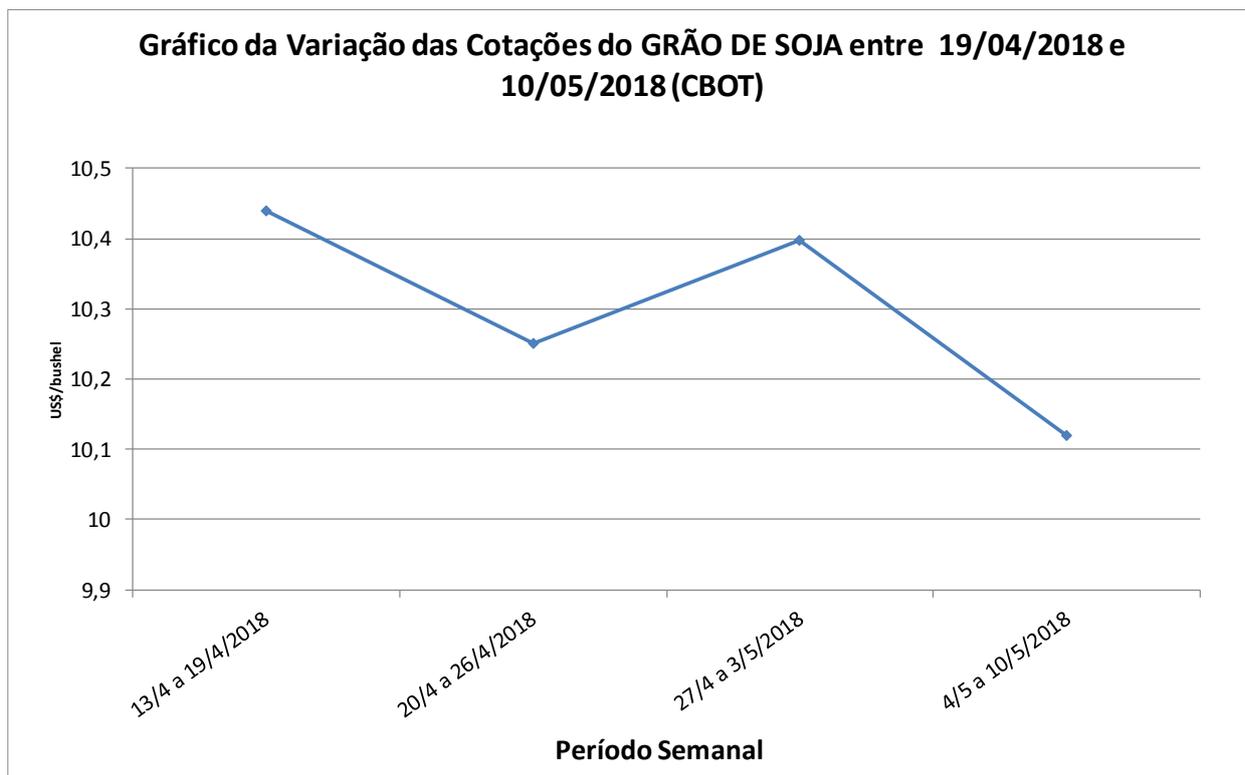
Aqui no Brasil, o câmbio continuou sendo o elemento central na definição dos preços da soja. O Real continuou sua depreciação, chegando a R\$ 3,60 no transcorrer da semana. Além dos fatores internos e externos já conhecidos, pesou, como novidade, a forte crise econômica na Argentina, onde o juro básico acabou sendo elevado para 40% ao ano (no Brasil o mesmo está em 6,5%), a inflação avança para 30% ao ano e o peso sofreu forte desvalorização. O quadro é tão sério que o governo Macri está solicitando empréstimo do FMI para enfrentar o problema, já que as reservas cambiais argentinas estão muito baixas, ao redor de US\$ 56 bilhões (as reservas brasileiras são de US\$ 380 bilhões).

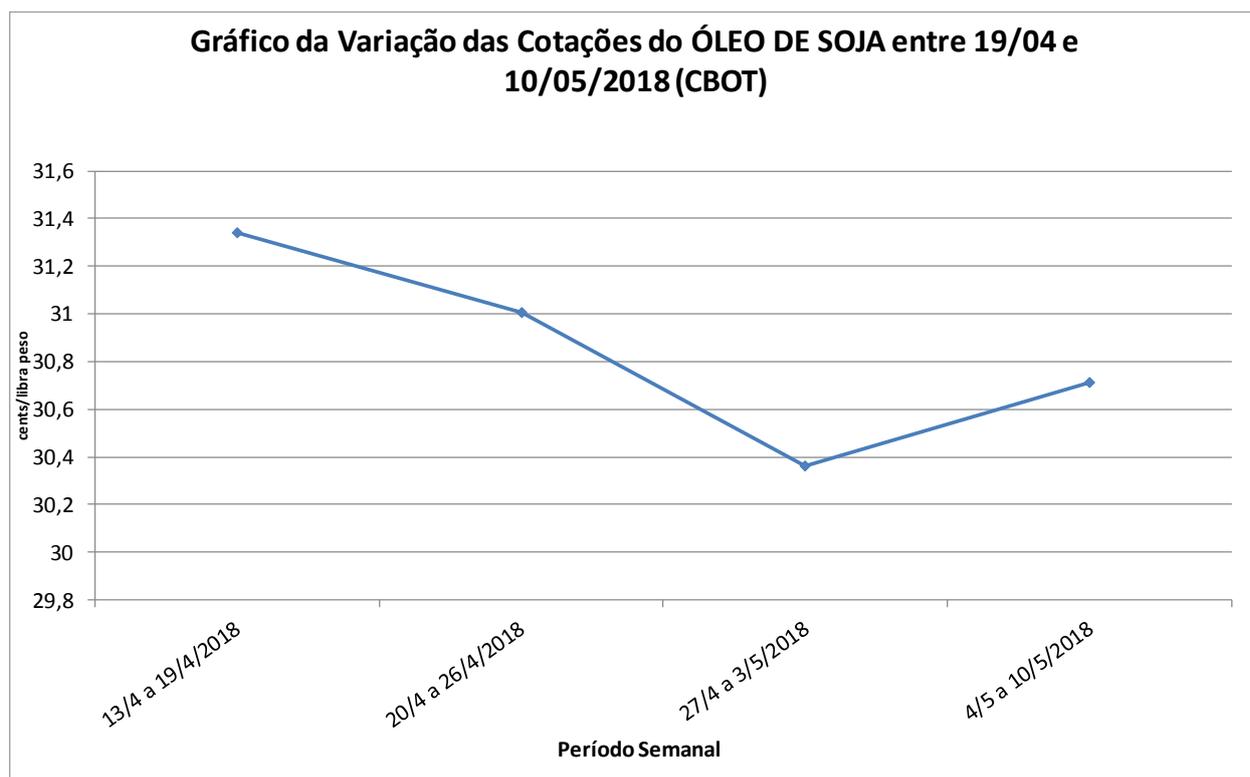
Mesmo assim, o câmbio não conseguiu impedir o efeito baixista vindo de Chicago, mesmo com os prêmios nos portos do sul do país se elevando um pouco (oscilaram entre US\$ 0,86 e US\$ 0,95/bushel neste final de semana). Desta forma, houve recuo nos preços da soja nesta semana em relação à semana anterior. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 76,36/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 80,50 e R\$ 81,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 70,50 em Sinop (MT) e R\$ 80,50 em Abelardo Luz (SC), passando por R\$ 80,00/saco no centro e norte do Paraná; R\$ 72,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 73,00 em Goiatuba (GO); R\$ 74,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 75,50/saco em Uruçuí (PI) (cf. Safras & Mercado).

Apesar das fortes altas nos preços da soja, a comercialização da atual safra não saiu do normal, porém, ficando bem acima do registrado no ano passado, quando os preços foram até R\$ 20,00/saco menores na maioria das praças nacionais. Assim, até o dia 04/05 as vendas de soja no Brasil atingiam a 62% do total, contra 61% na média histórica e 50% no ano passado. No Rio Grande do Sul, até o dia 04 de maio, as vendas atingiram a tão somente 48%; no Paraná 50%; no Mato Grosso 75%; no Mato Grosso do Sul 59%; em Goiás 65%; em São Paulo 64%; em Minas Gerais 65%; na Bahia 65%; em Santa Catarina 33%; no Maranhão 77%; no Piauí 65%; e no Tocantins 74% (cf. Safras & Mercado).

Enfim, a colheita da atual safra atingia a 99% da área brasileira semeada, contra 97% na média histórica até o dia 04/05.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços da soja no período entre 19/04/2018 a 10/05/2018.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, após flertarem com os US\$ 4,00/bushel na semana passada, acabaram recuando um pouco nesta semana, fechando a quinta-feira (10) em US\$ 3,94/bushel.

Dois elementos estiveram no centro das atenções do mercado: as condições climáticas nos EUA e na safrinha brasileira; e as projeções para o relatório de oferta e demanda do USDA neste dia 10/05.

Quanto ao clima nos EUA, o excesso de chuvas tem atrasado o plantio, causando preocupação quanto a possibilidade de áreas de milho serem transferidas para a soja. Neste sentido, até o dia 06/05 o plantio do cereal chegava a 39% da área, contra 44% na média histórica e 45% no ano passado nesta época. Lembramos que até o dia 10/05 o plantio deveria chegar a 50% da área esperada para ser considerado dentro da normalidade (sobre o clima na safrinha brasileira, veja mais abaixo).

Quanto ao relatório do USDA, o mercado esperava para 2018/19, nos EUA, uma produção de 358 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficariam em 41,4 milhões de toneladas.

Na prática, o relatório trouxe números mistos para 2018/19 em relação ao esperado pelo mercado, pois a produção dos EUA veio menor, enquanto os estoques finais vieram maiores:

- 1) Área semeada de milho nos EUA em 35,6 milhões de hectares;
- 2) Produção final nos EUA em 356,7 milhões de toneladas;

- 3) Estoques finais nos EUA em 42,7 milhões de toneladas;
- 4) Patamar de preços médios aos produtores estadunidenses, em 2018/19, entre US\$ 3,30 e US\$ 4,30/bushel;
- 5) Produção mundial de milho em 1,056 bilhão de toneladas;
- 6) Estoques finais mundiais em 159,2 milhões de toneladas;
- 7) Produção brasileira e argentina de milho respectivamente em 96 milhões e 41 milhões de toneladas;
- 8) Exportações brasileiras de milho em 2018/19 em 31 milhões de toneladas.

Paralelamente, as exportações estadunidenses de milho melhoraram na última semana, atingindo a 1,94 milhão de toneladas. Existe expectativa de que o Brasil e a Argentina, em função de perdas respectivamente na safrinha e na safra de verão de milho, comecem a diminuir suas vendas externas do cereal, fato que abre maior espaço para o milho dos EUA.

Na Argentina, a colheita chegava a 32% da área semeada, com chuvas intensas durante a semana em muitas regiões. Ou seja, aquilo que faltou durante o verão argentino agora começa a sobrar, atrasando a colheita. Ainda na Argentina, a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 193,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 185,00.

Já no Brasil, os preços do milho se mantiveram firmes, especialmente agora em que a quebra na safrinha nacional vai se consolidando. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 34,76/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 41,00 e R\$ 42,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 23,50 em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 42,00/saco em Videira, Chapecó e Concórdia (SC).

Em São Paulo há grande preocupação com a falta de chuvas nas regiões da Sorocabana, Vale do Paranapanema e Norte do Paraná. As lavouras de safrinha destas regiões podem registrar perdas totais antes mesmo de entrarem em polinização. E mesmo que chova nos próximos dias, já há perdas irreversíveis. No Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais as lavouras de safrinha já registrariam perdas entre 30% a 40%. Com isso, se ocorrerem chuvas nos próximos dias as mesmas apenas estancariam os prejuízos, porém, dificilmente os recuperaria. Em muitas regiões há risco de perdas históricas na safrinha. E o melhor comportamento climático no Mato Grosso e em Goiás não seria suficiente para dar conta das perdas no restante do Centro-Sul brasileiro (cf. Safras & Mercado).

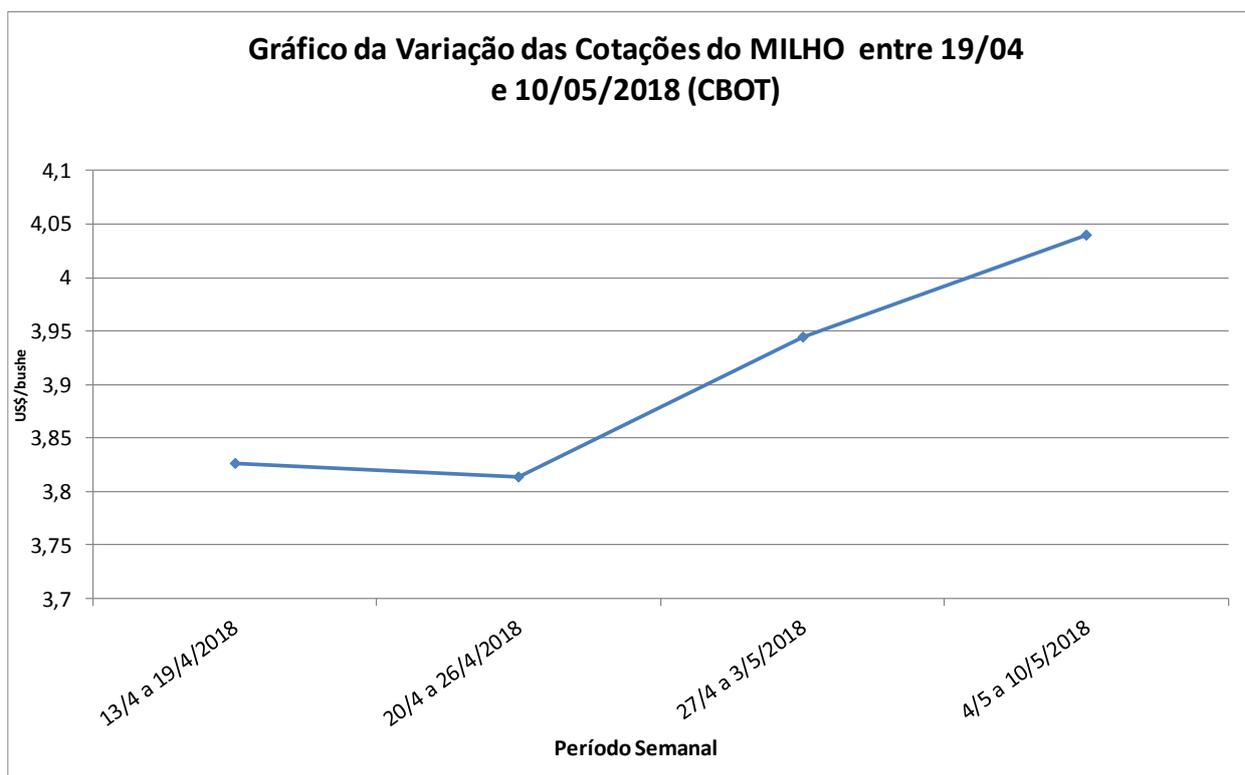
Neste sentido, os preços no referencial Campinas (SP) continuaram subindo, e bateram em R\$ 43,00 a R\$ 44,00/saco no CIF disponível. Na Sorocabana paulista atingiram a R\$ 40,00/saco. Nos portos de Santos e Paranaguá o saco de milho já está cotado entre R\$ 39,50 e R\$ 40,50. Diante disso, quem possui milho começa a retê-lo em maior intensidade, provocando novas altas em seus preços.

Neste contexto, as exportações podem encontrar dificuldades em se realizar, mesmo com um câmbio ao redor de R\$ 3,60 neste momento. Isto porque o mercado interno começa a disputar milho com o setor exportador. Assim, a pressão altista sobre os preços do milho deve continuar enquanto não se definir o quadro climático da safrinha e o câmbio no país.

Visando conter um pouco a alta dos preços aos consumidores de milho, a Conab realizou mais leilões de estoques públicos oficiais na semana, porém, negociou apenas 5,8% das 186.656 toneladas ofertadas. Novos leilões estão previstos para o dia 16/05, com oferta de 200.000 toneladas.

Enfim, vale destacar que a safrinha do Centro-Sul brasileiro, até este início de maio, havia sido comercializada em 30% do total esperado, contra 55% no mesmo período do ano passado.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 19/04/2018 a 10/05/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, após dispararem em Chicago na semana passada, acabaram recuando nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (10) ficando em US\$ 5,07/bushel, contra US\$ 5,40 na semana anterior.

Ajustes técnicos, mais conhecidos como tomada de lucro por parte dos operadores na Bolsa, além de indicativos de melhoria climática nas regiões produtoras dos EUA e a fraca demanda pelo produto estadunidense no mercado externo, forçaram a redução das cotações nesta semana.

Paralelamente, o mercado cogitava maiores estoques estadunidenses do cereal, assim como mundiais, para o final do corrente ano comercial, além de uma perspectiva de oferta adequada para 2018/19, as quais viriam com o relatório de oferta e demanda do USDA deste dia 10/05.

Na prática, o relatório indicou o seguinte:

- 1) Área semeada com trigo nos EUA, em 2018/19, estimada em 19,1 milhões de hectares;
- 2) Produção estadunidense de trigo em 49,6 milhões de toneladas;
- 3) Estoques finais nos EUA em 2018/19, para o trigo, em 26 milhões de toneladas;
- 4) Patamar de preços médios para o trigo nos EUA, em 2018/19, entre US\$ 4,50 e US\$ 5,50/bushel;
- 5) Produção mundial de trigo em 747,8 milhões de toneladas;
- 6) Estoques finais mundiais em 264,3 milhões de toneladas;
- 7) Produção e exportação de trigo da Argentina, respectivamente em 19,5 milhões e 14,2 milhões de toneladas;
- 8) Produção e importação de trigo do Brasil, respectivamente em 4,9 milhões e 7,5 milhões de toneladas.

Aqui no Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação oscilou entre US\$ 245,00 e US\$ 260,00, registrando nova elevação. No caso do produto argentino, para entrega em setembro já há negócios a US\$ 270,00/tonelada. Todavia, importante se faz salientar que, para a safra nova (que entra pelo Paraguai a partir de setembro), as cotações ficaram entre US\$ 190,00 e US\$ 200,00/tonelada.

No mercado brasileiro, diante da pressão dos preços externos, das altas de preços nos vizinhos do Mercosul e da nova desvalorização do Real, os preços internos do trigo voltaram a subir. A média gaúcha no balcão atingiu a R\$ 38,18/saco, enquanto os lotes já atingem a R\$ 48,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes chegaram a R\$ 54,00 e R\$ 54,30/saco no Paraná, enquanto o mercado de balcão praticou valores entre R\$ 37,00 e R\$ 40,00/saco. Já em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 33,00 e R\$ 35,00/saco, enquanto os lotes atingiram a R\$ 51,00/saco na região de Campos Novos (cf. Safras & Mercado).

O mercado brasileiro de trigo se encontra pressionado pela falta de produto de qualidade, depois da forte frustração do ano passado. Ao mesmo tempo, as cotações internacionais subiram, elevando os preços nos fornecedores do Mercosul, especialmente na Argentina. Enfim, a disparada cambial no Brasil, com o Real valendo 3,60 por dólar em alguns momentos desta semana tornaram a importação muito mais cara (lembramos que há algumas semanas se indicava que seria preciso um câmbio acima de R\$ 3,30 por dólar para melhorar os preços internos do trigo). Este somatório de fatos, em continuando, tende a manter em elevação os preços do trigo brasileiro.

Como a colheita da futura safra apenas se dará a partir de setembro, pelo Paraná, há ainda praticamente quatro meses de forte tensão no mercado nacional do cereal. Especialmente se o câmbio permanecer nos atuais níveis.

Além disso, torna-se uma incógnita a área que será semeada com trigo no Brasil. Até poucos dias atrás a tendência era de forte redução na mesma, sem falar nos constantes problemas climáticos sobre as lavouras do sul do país. A mudança no rumo dos preços provocará uma alteração neste cenário? Ainda é cedo para se ter uma resposta, já que o plantio apenas está começando no Brasil. Assim, em síntese, até setembro a tendência é de forte pressão altista. A partir de setembro, dependendo do

volume produzido no país, os preços podem ceder. Todavia, em havendo redução de área semeada e/ou frustração climática de safra, os preços tendem a se manter elevados mesmo durante a colheita. Particularmente se as importações, pressionadas pelo câmbio, continuarem caras.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 19/04/2018 a 10/05/2018.

